

A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM A MONTANHA ENCANTADA, DE MARIA JOSÉ DUPRÉ

OLIVEIRA, MARINA JOÃO BERNARDES de

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Ciências e Letras – Unesp - Assis

marina.oliveira40@etec.sp.gov.br

1 - Introdução

A mulher tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento desde a década de 1960. Na Literatura, mais especificamente a crítica feminista, por sua vez, data de 1970, e se caracteriza pelo questionamento acerca da prática acadêmica patriarcal. No entanto, quando se volta os olhos à literatura produzida para crianças e jovens, constata-se que as personagens femininas no papel de figuras centrais é que teve proeminência.

No caso do Brasil, confere-se tal feito com Lobato cujo legado fez com que vários autores o seguissem. Dentre eles destaca-se Maria José Dupré. Esta autora começou a produzir sua obra na década de 40, na qual não se pode deixar de reconhecer certas marcas da influência do mestre Lobato, assim como das transformações ocorridas na literatura infantojuvenil da época.

No que se refere às influências de Lobato, nota-se a exploração do espaço rural, ainda que este, no caso de Dupré, sirva apenas como pretexto para se realizar uma ruptura por parte das crianças e, conseqüentemente, dar início a uma aventura. Outros aspectos são: a não referência aos pais, a atemporalidade da narrativa e a participação dos mesmos personagens em várias obras.

Já com relação ao período em que Dupré deu início a sua obra, constata-se que foi marcado por uma intencionalidade pedagógica, a qual transformou a literatura infantojuvenil, em grande parte, em um instrumento educativo. Ainda que Dupré se destaque como uma das autoras que tentou fugir a esse ideal, é possível reconhecer em sua produção marcas dessa linha mais moralizante.

Tal aspecto se acentua quando se observa a representação das personagens femininas, pois estas participam em várias narrativas da autora, mas nunca assumem o papel de liderança nas aventuras vividas pelas crianças, sempre são comandadas e/ ou protegidas por um adulto ou por uma criança mais velha (sempre masculino). Cabe a elas somente a imagem da necessidade de amparo, fragilidade, obediência e responsabilidade.

Dessa forma, levando-se em consideração que a obra de Dupré figurou entre as mais lidas por mais de 50 anos e ainda ter sido produzida sob a influência do legado de Lobato e de um período marcado por uma literatura moralizante, é que se julga pertinente aqui propor uma reflexão acerca da representação do feminino, em particular, na obra *A montanha encantada*.

2 – Metodologia

Para tanto, propõe-se uma discussão acerca da representação do feminino na obra *A montanha encantada*, de Maria José Dupré, uma vez que esta autora, além de ter obtido sucesso entre o público adulto, assim também ocorreu com relação aos leitores de literatura infantojuvenil, tanto que a autora em questão cativou este tipo de público por mais de cinquenta anos.

É Justamente pelo fato da obra infantojuvenil desta autora ter figurado por tanto tempo como uma das mais lidas por este público e pelo fato desta sua produção mais significativa ter ocorrido num período de grandes transformações na literatura feita para crianças e jovens, é que se torna pertinente verificar como a figura feminina foi representada. Isso se justifica pelo fato de que o período em questão, década de 40, foi

marcado por uma literatura de caráter pedagogizante e também pela produção intensa e pela fabricação em série a fim de se atender tal mercado consumidor em expansão.

Primeiramente, é válido destacar que Zilberman (2005) aponta que foi na literatura infantil que as personagens femininas alcançaram proeminência, fama e popularidade no papel de figuras centrais. No caso do Brasil, foi Lobato, com a Menina do Narizinho Arrebitado e Emília quem confere o primeiro plano a personagens femininas.

Mas, se voltarmos à década de 40 e até por volta da década de 70, caracteriza-se por ser o momento seguinte às iniciativas pioneiras de Lobato e que, em sua maior parte apresentou uma literatura para crianças e jovens estagnada e com tentativas de imitação muitas vezes frustradas.

Sobre isso, Sandroni (1987, p. 61) salienta:

Destacam-se alguns autores que souberam manter sua originalidade e escreveram livros que até hoje permanecem nos catálogos das editoras, enquanto os demais foram rapidamente esquecidos. Entre os primeiros não podemos deixar de citar Menotti Del Picchia, Malba Tahan, José Lins do Rego, Viriato Correia, Érico Veríssimo, Vicente Guimarães, Ofélia e Narbal Fontes, Francisco Marins, Orígenes Lessa, Lúcia Machado de Almeida e Maria José Dupré que, em maior ou menor grau, realizaram obras nas quais o imaginário e o lúdico encontraram uma linguagem adequada para expressar-se abordando temas históricos, ou de inspiração folclórica ou ainda criando aventuras maravilhosas.

Além disso, sobre o legado de Lobato, Coelho (1991, p.248) aponta:

A agilização da linguagem literária, no sentido criado por Lobato, cede lugar à “infantilização” da fala. [...] Na efabulação predominam as *travessuras* sobre as *aventuras*. Isto é, propõem-se aos leitores não uma experiência vital *transformadora* (a Aventura), mas atividades meramente *lúdicas* e inconsequentes (travessuras). Ao mesmo tempo, incentiva-se a obediência, a ordem e a permanência (pelo desestímulo às situações aventurescas que levam ao rompimento das estruturas já estabelecidas).

Dessa forma, ainda que Dupré tenha sido apontada, com restrições, como uma seguidora de Lobato, nota-se que, com relação às personagens femininas, as representa por meio de um desenho bastante superficial.

É o que se verifica, por exemplo, em *A montanha encantada*, narrativa que trata das férias de um grupo de crianças (Henrique, Eduardo, Vera, Lúcia, Cecília, Oscar e

Quico) na fazenda do Padrinho. Tal grupo, liderado pelo Padrinho, vai em busca de descobrir o que seria uma luz no alto de uma montanha e, chegando lá, Vera, Lúcia, Cecília, Oscar e Quico descobrem que no interior da montanha havia uma cidade de anões que lá se refugiaram desde os tempos de Mem de Sá. Após conhecerem toda a cidade e a realização do casamento do príncipe dos anões, este permite que as crianças retornem aos cuidados do Padrinho e, conseqüentemente, à fazenda fazendo com que tudo voltasse a sua normalidade.

As personagens femininas da obra em pauta seriam a Madrinha, a empregada Eufrosina e as meninas Vera, Lúcia e Cecília e o que se verifica é que nenhuma delas ocupa um papel central na obra.

Se focarmos inicialmente as crianças, se observa uma discreta tentativa de não se fazer distinção entre os sexos, a qual chega a causar espanto em uma das meninas:

[...] e Padrinho chegou a dizer:

– Quem sabe podemos organizar, um dia, uma excursão até lá? Eu gosto muito de descobrir mistérios...

Os meninos chegaram a bater palmas de entusiasmo; Cecília ficou assustada e perguntou:

- Todos nós, Padrinho?

- Todos – disse ele. – As meninas são tão boas companheiras quanto os meninos. (DUPRÉ, 1976, p.14)

No entanto, logo se nota que durante a excursão ao cume da montanha a liderança é toda masculina. Na maior parte do tempo pelo adulto Padrinho e, mesmo quando o grupo precisou se dividir para procurar água, as meninas continuam sob sua proteção, o que remete à ideia do sexo frágil, o qual necessita de amparo permanente de uma figura masculina: “Tomásio e Jeromão deixaram os cavalos amarrados numa árvore e embrenharam-se pelo mato à procura de água; Bento, Eduardo e Henrique foram para outro lado, enquanto as meninas e os dois menores ficaram com Padrinho.” (DUPRÉ, 1976, p.17) Assim, os meninos que ficam sob a guarda do Padrinho só permanecem nessa condição por serem menores, ou então teriam a mesma incumbência de Eduardo e Henrique.

Quando o grupo formado por Vera, Lúcia, Cecília, Quico e Oscar é levado para o interior da montanha, logo se nota a presença de um líder entre eles que, neste caso,

também é uma liderança masculina na figura de Oscar, o qual incita os demais a fugirem daquele microcosmo.

Com relação às meninas, a elas se verifica apenas o papel de prudência, como em: “[...] Vera gritou: - Não corra com a faca na mão; mamãe disse que é perigoso...” ou “Vera e Cecília pensaram no Padrinho; estaria ele muito aflito, procurando as crianças por toda a montanha?” ou “Lúcia disse: - Afinal a princesinha Filó foi tão boa para nós e nós vamos embora sem falar nada para ela? Acho que isso é ingratidão.” ou “[...] Vera lembrou: -Nosso primeiro dever é procurar Padrinho. Onde estará ele?”

A partir de tais fragmentos, constata-se que as personagens femininas são caracterizadas pela ideia de cuidado, de zelo, de preocupação. Assim também se nota nos dois últimos trechos nos quais se acentua o caráter moralizante da obra, pois reforça o que devem ser os valores e atitudes adotados pelas crianças.

Além disso, com o término das férias, Quico e Oscar permanecem na fazenda, pois lá residiam, enquanto que Vera, Lúcia, Cecília, Eduardo e Henrique retornam para São Paulo: “Eduardo, Henrique e as três meninas voltaram para S. Paulo.” (DUPRÉ, 1976, p.111) Vale destacar que o narrador refere-se a elas como “as três meninas”, o que vai ao encontro do que Zanquetta Jr. aponta sobre a superficialidade das personagens de Dupré, a qual se acentua quando se trata de personagens femininas:

Assim como no expediente utilizado nas aventuras do Sítio do Pica-Pau amarelo, as personagens, Henrique Eduardo, Quico e Oscar, Vera e Lúcia aparecem em várias narrativas da autora, apesar de que, ao contrário das personagens de Lobato, Dupré reduz suas personagens a um desenho bastante superficial. Em alguns casos, a personagem tem sua presença limitada apenas ao nome. (1995, p.55)

Assim também ocorre quando se trata das personagens femininas adultas, a Madrinha e Eufrosina não participam da excursão à Montanha e são citadas na narrativa apenas no início, quando da descoberta da luz misteriosa e dos preparativos para a aventura e, posteriormente, quando o grupo retorna à fazenda, limitando-se a ouvintes do que as crianças viram na cidade dos anões portugueses.

Ou seja, elas ficam restritas ao espaço doméstico e suas ocupações restringem-se somente ao que diz respeito a este espaço. É também por meio delas que se repete a

associação da figura feminina à imagem daquela que protege, que orienta, assim como ocorreu com as meninas. Prova disso são as orientações da madrinha antes da excursão:

[...] Madrinha ia de um lado para outro, indicando as roupas que as crianças deviam levar, aconselhando a não tomarem chuva, a terem cuidado com a saúde.”p.16 “Estava ainda escuro quando montaram a cavalo na porta de casa; Madrinha despediu-se de todos, fazendo muitas recomendações a cada um deles. (DUPRÉ, 1976, p.16)

Ou ainda, após a excursão, sobre o fato de as crianças considerarem que a cidade dos anões era a mais rica do mundo em virtude do ouro e das pedras preciosas em abundância:

- Mas para vivermos felizes precisamos de outras belezas, não dessas. O que adianta termos vestidos cor de sonho enfeitados de ouro puro se não sabemos ler? Se não temos flores para enfeitar nossas casas, nem vemos pássaros enfeitando o céu? Se não temos música para encantar nossos ouvidos, nem sol para nos aquecer? Coitados! O que lhes adianta a riqueza? Para que servem tanto ouro e tantas pedras preciosas? (DUPRÉ, 1976, p.110)

Resultados

Com a obra *A montanha encantada*, verificou-se que as personagens femininas, tanto as crianças, quanto as adultas, têm seus papéis dentro da narrativa bem restritos no que diz respeito ao comportamento, bem como nos espaços por elas ocupado.

Primeiramente, com relação às meninas, estas até participam da excursão ao alto da montanha, mas o tempo todo estão sob a proteção e/ou a liderança de uma figura masculina, ora o Padrinho, ora o menino Oscar. As mulheres, estas ficam restritas ao espaço doméstico e participam apenas no início e no término da narrativa.

Ademais, as personagens femininas desta obra têm suas falas e atitudes marcadas por uma postura doutrinária, que prega principalmente a obediência. Prova disso é que nenhuma delas apresenta alguma ruptura, permanecendo sempre numa zona de normalidade. Mesmo as meninas que participaram da excursão, durante o evento, apresentam um comportamento voltado para o tradicional maniqueísmo, responsável por discernir o que é certo e errado.

Diante disso, é pertinente levar em consideração dois fatores. O primeiro com relação ao período em que tal obra foi escrita, o qual foi marcado por uma literatura

voltada para crianças e jovens que, em sua maior parte, incentivava a obediência, o desestímulo ao rompimento das estruturas já estabelecidas. O segundo diz respeito ao fato de Dupré ter figurado por mais de 50 anos como uma das escritoras mais lidas pelo público jovem e por ter sido apontada como uma daquelas que, de certa forma, fugiu a esse caráter moralizante da literatura infantojuvenil de sua época.

Com isso constatou-se que, embora haja uma sutil tentativa de se tratar os sexos de maneira igualitária quando o Padrinho defende que as meninas também devem fazer parte da excursão, fazendo com que elas deixem o espaço privado e passem a explorar o público, isso logo é rompido ao longo da narrativa, pois se observa que às personagens femininas a participação se limita a serem protegidas ou protetoras; mantenedoras da ordem e serem comandadas, reproduzindo, assim, velhos estereótipos patriarcais.

Bibliografia

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

_____. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711 – 2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.

_____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: Das origens Indo-Europeias ao Brasil Contemporâneo*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, Afrânio; GALANTE DE SOUSA, J. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1990.

DUPRÉ, Maria José. *A montanha encantada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1976.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. 2 ed. São Paulo: Global, 1986.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SHOWALTER, E. *Speaking of Gender*. New York, 1989.

_____. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.) *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1981. p. 23-57.

XAVIER, E. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *Mulheres e Literatura*, v. 3, 1999. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume3/31_elodia.html> Acesso em: 23 ago.2004.

ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. *Literatura juvenil na escola de primeiro grau – livros e leituras*. 1995. 235f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed., rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.

_____. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed., rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005. p. 275-283.